

J. Rentes de Carvalho

Montedor



DA CIDADE A MONTEDOR o «mercadorias» demorava hora e meia, por isso nos entretínhamos a jogar.

A maleta do Gordes servia de mesa, mas naquela tarde, ao fazer a agulha, o comboio deu um solavanco inesperado e as cartas espalharam-se, pondo fim ao jogo que às vezes continuávamos nos bancos da estação. Baixámo-nos a apanhá-las.

– Estão todas? – perguntou o Matias, que era dono do baralho.

– Falta o ás de copas! – respondeu o Bezerra com uma gargalhada.

– O teu.

O Matias tinha aquele jeito de responder torto, incapaz de aceitar uma graça, sempre a temer indirectas à mulher. Levantámo-nos, à espera que o comboio parasse, contrafeitos, a temer a zanga que ficara no ar.

– Chove? – perguntou alguém atrás de mim.

– Não. Ainda não.

Não sei porque escolhi aquele momento, mas cheguei-me ao Gordes e toquei-lhe o ombro:

– Queria-lhe uma fala.

– Que é?

– Lá fora.

Não perguntou mais e saltou à minha frente, o comboio ainda em andamento, hábito de vinte anos.

À volta os outros dão as boas-noites, o Bezerra agarra o Matias pelo braço, dizendo-lhe que não seja urso, era uma palavra sem malícia:

– Então que há?

– Bem... Eu... O senhor podia... – A garganta engulha-se-me, as orelhas sentem o fogo, ele à espera que eu explique.  
– ... O senhor pode emprestar-me quinhentos mil réis?

O Gordes aperta a maleta contra o peito, espantado como se o fosse roubar.

– Que é isso, rapaz! Que ideia é essa? Quinhentos mil réis!... Eh! Eh! Se o teu Pai vem a saber! E como ias pagar? Ora, ora! Deixa-te de estroinices.

– Eu...

– Então? Fizeste alguma?

– Não senhor. Era um negócio.

A cara dele vira do rosado ao carmesim, os braços protegendo a maleta, olhando-me como se eu delirasse:

– Um ne-gó-cio!...

– Sim senhor.

– O teu Pai sabe?

– Não senhor.

– Ora vai pelo teu caminho e deixa-te de fantasias.

Joguei, vai ser tudo ou nada, e se for nada, paciência...

– Que fantasias?

– Já disse, menino! Deixa-te disso. Agarra-te aos livros, estuda! Quinhentos escudos!... Julgas que o dinheiro...

– Não senhor. É que...

– Então?...

Põe a maleta atrás das costas, o braço livre faz um gesto que me despede e ao mesmo tempo aponta o céu, como quem diz não e quer a conversa acabada.

– Era um negócio de perfumes.

Pára, irritado:

– Olha, rapaz, não quero saber dos teus negócios. Perfumes, lulas, não me interessa. Nem sei como te atreves. Dá-te por contente que não vá daqui direito ao teu Pai. Enfim...

Sinto as pernas bambas e fico na borda do caminho, dando-me conta dos barulhos que vêm do rio, os grilos, as rãs que coaxam, os assobios com que os espias avisam os pescadores da passagem dos guardas.

De medo deito-me a correr atrás dele:

– Senhor Gordes! Senhor Gordes!

– Que mais temos? – Contrafeito, de má cara como se já lhe devesse.

– O senhor não vai dizer, pois não?

– Não. Fica descansado. Mas deixa-te de tolices. Boa noite.

Agora que joguei e perdi, que era a salvação ou o fim do mundo, e não veio uma coisa nem outra, ou tudo está para vir, com certeza o pior, atalho por entre os campos de milho a encurtar caminho, apresso-me para casa, esquecido de ter

medo das almas penadas dos contrabandistas que a Guarda matou e vagueiam à noite nas encruzilhadas.

O difícil vai ser encontrar resposta para tantas perguntas. E isto? E aquilo? Como foi? E o professor? Quando é que escrevem os resultados? Porque não vieste mais cedo? E agora? Tens fome?

Faça-se a vontade do Todo-Poderoso. Subo a ladeira correndo quanto posso e empurro a porta, esbaforido, à espera de que se compadeçam.

– Boas noites.

A Mãe volta-se, espeta os olhos em mim:

– Passaste?

– Faltam as orais.

Ela, porque não compreende, fica à espera que eu encha o vazio, que explique pelo miúdo.

– Agora foram as últimas escritas. Daqui a oito dias, mais ou menos, vêm os resultados. Depois, quem passou vai às orais.

– Oraís?

– É. Primeiro faz-se o exame escrito. Os que têm média vão à prova oral.

– E tu tens média?

– Ainda não sei! Como é que vou saber se os resultados só saem lá para a outra semana!

Passa a mão pelo queixo, num esforço, a sentir o estratagemas.

– Mas então hoje... que foste fazer à cidade?

– Exame! Exame escrito! Compreende?

– Exame escrito?

– Sim. Exame escrito. O último. Daqui a uma semana sai o resultado.

– Mas andas a fazer exame há uma semana! Quinze dias!

– Claro! – E espanto-me, faço de aborrecido. Ah! Esta estupidez das mães que não foram à escola!

– Cada dia é uma disciplina diferente! Compreende? E são oito disciplinas! Latim, Português, Matemática... Além disso, chamam-nos por número, não vamos todos de uma vez! Demora!

– Veremos!

A ameaça fica no ar. Ela, por si, esfrega as mãos ao avental, volta às panelas e explica à Avó, com as minhas palavras, porque é que os exames levam tempo.

Mas à Avó pouco importa, é a Mãe que fala por falar, só interrompe o padre-nosso para dizer numa voz de mau agouro:

– Este menino há-de trazer desgraça.

– Porquê, Avó? – Cresço como quem ameaça, mas ela nem olha.

– ... bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus... Pai Nosso que estais no céu...

– Sai daí.

A Mãe empurra-me de leve, porque lhe fico no caminho, e vou para a sala, a bufar como se a família me pesasse.

Não acendo a luz. Fico no escuro, a querer pôr as ideias em ordem, ao menos arranjar modo de adiar quanto puder. Com tudo pelo melhor ainda tenho dez dias, duas semanas. O pior pode vir por acaso. Se o Pai vai à cidade, se a Mãe

fala à mulher do Silva, se... se... Nem adianta imaginar, é questão de corda bamba, fio de cabelo, um resvês tão fino que me aliviava se o temporal desabasse de vez.

O enredo põe-me maluco, e as mentiras encadeadas embrulham a Mãe, tiram-lhe a coragem de perguntar mais, de me espremer. Se lhe tivesse um respeito por aí além perdia-o agora, porque afinal quem diz mãe diz monumento, coisa sólida, alguém que não se deixa meter os pés pelas mãos.

Ela, duas tretas, uma cara feia, passou. O Pai idem, mas esse ao menos não quer saber, curiosidade não é com ele. Vá à cidade ou fique, tenha exame ou me dedique à pesca, é o mesmo. Não se lhe dá.

Por isso não durmo direito, e se durmo é para acordar em pesadelos, moído, suando frio. Que é sem pés nem cabeça sei-o eu, mas faltou-me a coragem. Talvez nem se zangassem se tivesse confessado logo, mas o Pai começou a gracejar, dali a nada estava eu doutor, engulhei, não fui capaz de lhes dizer o resultado, inventei que tinha ido à cidade e fiquei-me pelo pretexto. Exame escrito. No comboio entretenho-me a jogar e se me perguntam respondo de lado.

– Esse exame?

– Vai indo.

Duas semanas são uma eternidade, com os dias o medo torna-se mais agudo, descobri que tremo das mãos, que a face se me arrepanha com tiques.

Tomara que alguém me viesse tirar do mau passo, mas ninguém vem, daí a ideia de pedir quinhentos mil réis ao

Gordes. Não era má, faltou a boa vontade dele. Que levando sabão para Espanha e trazendo perfume, em quatro viagens tinha ganhado o dobro, bastante para me pôr a andar. Acabavam os problemas.

A Mãe deve ter deixado esturrar a comida, o fedor a queimado espalha-se pela casa e a Avó vem pelo corredor, tossicando, espia para dentro da sala.

– Eh! Vadio! Que estás tu a conspirar no escuro?

– Nada.

– Inimigo do Senhor! Por ti é que as desgraças hão-de vir!

– Que desgraças? Que é que eu... – Faça-lhe frente, ofendido, mas não se desconcerta.

– És de má raça! – Empurra-me como se lhe atravancasse o caminho, tira os pratos do guarda-louça e volta à cozinha, já esquecida de mim, recomeçando o padre-nosso.

Mesmo em pensamento nunca me atrevera a querer-lhe mal, a culpa é dela que me põe rabioso, vem-me uma gana de vê-la morta. Nunca um sorriso, um benza-te Deus, do que faço nada lhe parece bem feito, relança-me de esguelha como se eu tivesse o poder do mau-olhado, se me fala é para embirrar. Que rebente!

E se rebenta... A voz fala dentro de mim, suave, verdadeira, amiga. Para que havia de pedir ao Gordes? Ela tem ouro, anéis, as correntes do Avô!... Devo ser bem tolo para ter esquecido!... Nem preciso de esperar. E pagas-te duma vez. Deixá-la gritar. Que chame nomes, que insulte.

Saboreio, imagino o caso despachado, vejo-me a cem léguas, nem parentes nem aderentes, vida à grande e à francesa, um venha-a-nós.

Paga por todos e bom proveito me há-de fazer. Ao menos uma vez há-de ter razão em barafustar, e queira Deus que não estique a perna, que é o mais certo se descobre a falcatrua.

Se me lembro guarda a caixa no guarda-vestidos. Difícil é entrar no quarto, que ela tem ouvido de tísica, anda por casa em chinelos de feltro, se me apanha a farejar entre os trapos não se ensaia para me assentar uma bengalada.

– Vens comer?

Entro na cozinha a arredondar a ideia. A Avó já está à mesa e o talher que falta explica-me a temperatura e os ais da Mãe, mas calo-me, há horas em que uma palavra estraga o resto de paz, e em nossa casa por pouco se começa um pranto.

Comemos em silêncio. A falar verdade pouco se me dá que o Pai venha ou fique, antes me faz arranjo não ter de repetir estas histórias de exames. Melhor assim.

Ao fim da ceia a Avó tossica, paramos, rezamos as graças, o diário, com a diferença que a Mãe em vez de começar a lavar a loiça atira tudo à toa para cima da pia, traz dois bancos, a vassoura, o serrote, e diz à Avó que se amodorra:

– Passa das nove.

Mistério. A Avó deixa cair o rosário dentro do bolso do avental, segura a vassoura por um lado, enquanto a Mãe ser-ra e bufa, porque um cabo de vassoura é duro como cornos, o serrote chia, a Avó dança com o balanço.

Ajudo a segurar, sem saber se faço bem ou mal, porque elas não dizem palavra, nada que esclareça. Por fim a Mãe tem o cabo cortado em dois cacetes de metro, segura um, toma-lhe o peso, balança-o como quem ensaia a maneira de melhor ferir. Um teatro. Porque, mais vale dizê-lo logo, é uma alminha

do Senhor, esmorece se tem de esfolar um coelho, paga a quem lhe degole as galinhas, e vê-la em pé de guerra a ensaiar um varapau, com olhos que mal escondem as lágrimas, dá pena, vontade de abraçá-la. Diga quem lhe fez mal, que saio eu a pedir contas, pobre do que se me achesse no caminho.

E um cacete não é seguro. A pistola do Pai, que ele deixa na mesinha de cabeceira, sim. Um aperto no gatilho, pum!

Uma tarde escondi-a no bolso, à socapa, fui para o Monte e consolei-me, gastando o carregador que comprara ao Jeremias. Uma *Mauser*, um peso na mão, a quentura de quando se aperta um passarinho.

Atirara à toa contra os pinhos, contra o inimigo que se escondia atrás das pedras, gritando-lhe que se rendesse, ameaçando-o de morte. Ah! Filmes de *cowboys*, Gunga-Din, Os Três da Legião Estrangeira!... *Come on, you, bastard!*

– ... chegas por trás. Ninguém te vê, e se vir é o mesmo, descarregas-lhe o pau na cachola.

– Mãe!

A Avó levanta um dedo mandão, não me deixa falar:

– Cama!

– Não me faça perder a cabeça!

Olha para mim como se não acreditasse, ou eu estivesse bêbado, tomado de loucura repentina.

– Ora o besta! Ora o besta! A faltar-me ao respeito! – E avança de pau erguido, corro às voltas na cozinha, ela atrás, a bufar, até que a Mãe se interpõe.

– Pagas!

– Quem disse? – respondo-lhe escarninho, protegido pela mesa.

A Mãe traça o xaile, esconde o varapau nas dobras e empurra-me de manso.

– Vai para a cama, filho. A gente já volta.

– Mas...

– Nada. Nada. Deita-te.

– Porque é que não diz?

Bem sinto que é pedir-lhe que tire as tripas pela boca, mas no corredor a claridade é pouca, não lhe vejo os olhos:

– O teu Pai tem uma amásia no Freixo, nem vem comer, fica-se com ela. Mas desta vez aprende.

– Quer que eu vá? Deixe-me ir consigo!

– Não. Deita-te, que não tardamos.

– E se lhe acontece alguma coisa?

– Não acontece.

A Avó chega encapuchada, a resmungar, em vez de esconder o pau apoia-se nele como uma bengala, desce as escadas primeiro.

– Mãe, porque não leva antes a pistola?

– Anda, rapariga! Outro que tal! Bem te digo que este também nasceu para teu castigo.

A porta bate, fico sozinho no escuro, esquecido de acender a luz, um arrepio de medo não vá o Pai zangar-se, tomar partido pela amante.

É dos frescos, com aquele arzinho de quem não faz mal a uma mosca, e a morder pela calada.

Vou apalpar a pistola dentro da gaveta, ninguém sabe o que pode acontecer numa casa vazia. Entretenho-me a meter as balas no cano e a fazê-las saltar sobre a cama. Seis. Se tivesse dinheiro comprava outro carregador.

Ponho as balas no seu lugar, a pistola dentro da gaveta, às pressas, apago a luz e vou-me ao quarto da Avó. Tinha esquecido.

Ajoelho-me, rebusco dentro do guarda-vestidos, sufocado pelo mofo de roupa esquecida há anos. Cheira a bafio, naftalina, incenso, sapatos atirados à toa. Da caixa, nem rasto. Medalhas, rosários, figuras de santos tem ela às dúzias nos bolsos, em embrulhos que tilintam, pendurados à mistura com a roupa.

Experimento entre os colchões. Um Menino Jesus, um Sagrado Coração, outro rosário, uma medalha de Santa Bárbara, mais nada.

Por baixo da cama está uma maleta onde guarda o vestido que preparou há anos e há-de ser o da mortalha. Não me dá gana de lhe tocar porque é mau agouro.

Abro? Não abro? Se o guarda ali?... Já as mãos vão adiante do pensamento, apalpo sem olhar, sinto a caixa num canto e não mo digo duas vezes.

Queria-me sem pressas, sem tremuras, mas não evito que as mãos se embaralhem, quase estrago o fecho, à bruta, não me dando conta de que primeiro tenho de desatar o nó do fio que ela passou em volta, precaução simbólica, acrescida de uma medalha de São Bento, santo que livra a gente dos maus caminhos e acode aos pescadores sobre as águas do mar.

De certeza protege contra os ladrões. Será que sou ladrão? Entro na categoria? Ainda não roubei, não mexi no que está dentro da caixa. E se mexo? Será roubo? O que é da Avó é meu, ou não é?

É, porque sou o último herdeiro. Hem? Pergunto, mas não vem resposta, o que vem é a lengalenga da Mãe a dizer que não se mexe no que está quieto, não se pega no que não nos pertence, etc. O medo. Imagina São Bento a aparecer e a tirar-me a caixa das mãos. Mesmo de brincadeira, só a fingir, dá-me um arrepio.

Paciência. Primeiro o ouro é da minha Avó, não é dum estranho. Segundo, se não arranjo dinheiro de qualquer maneira...

Basta, nem o pensamento precisa de ir mais longe. Se não arranjo dinheiro e não me ponho a andar daqui para fora, no dia em que se souber que não fiz exame cortam-me às postas. Um décimo do que prometeram já seria demais.

Tiro dois anéis, uma pulseira, dois elos duma corrente maciça. Acho que chega. Pelo sim pelo não tiro outro anel, o que tem uma figura em relevo, e cuido que tudo fique como estava, espalho o algodão em rama de modo que se abrir a caixa não dê logo pela falta.

Ato a fita, ponho São Bento no seu lugar, a caixa no fundo da maleta, a maleta por baixo da cama, acendo a luz, apalpo a colheita que guardo no bolso e vou à varanda, a precisar do ar fresco da noite.

Choveu. Ao longe, onde o rio faz um cotovelo, brilham as luzes da ponte da fronteira. Imagino a Mãe a surrar a amá-sia do velho, a gritaria, os curiosos, o falatório que vai ser.

Vou-me à cama, sentindo na mão o macio de ouro e na alma o consolo de que desta vez é certo, faço-me um conto de réis, e com um conto, minha gente, vou daqui ao fim do mundo!